

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM**

# **CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA**

**Proposta de textos e atividades para professores**

Proposta apresentada pela professora Aparecida Roseléia do Nascimento ao Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, vinculado à Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação do Professor Doutor Raymundo de Lima, em cumprimento às atividades do professor PDE.

**ELABORAÇÃO: APARECIDA ROSELÉIA DO NASCIMENTO  
PROFESSORA PDE DA REDE PÚBLICA DO PARANÁ  
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE LOANDA  
MUNICÍPIO DE SANTA ISABEL DO IVAÍ**

**2007**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
ORIENTAÇÕES GERAIS.....	04
SOCIEDADE E ESCOLA.....	05
CULTURA E CULTURA ESCOLAR.....	11
CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA: problemáticas dos conflitos.....	16
CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA: possíveis causas.....	20
CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA: estratégias possíveis.....	26
ATIVIDADE CONCLUSIVA.....	32

## INTRODUÇÃO

A sala de aula é um espaço privilegiado de convivência interpessoal, devendo ser um local harmonioso, pois a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e da formação para a cidadania, depende da qualidade das relações estabelecidas neste espaço.

Nos últimos tempos, a cultura escolar foi influenciada por diversos fatores decorrentes tanto do próprio sistema de ensino como das condições sociais e da emergência da tecnologia que impôs novas linguagens e novos costumes.

O resultado dessa nova mudança é uma escola sendo obrigada a conviver com apatia, desinteresse e conflitos na sala de aula que fundamentalmente causam rupturas na relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O mal-estar docente considerado “natural” tem se agravado para formas de reação aproximadas das patologias psíquicas (estresse, depressão, distúrbios psicossomáticos), cujo resultado pedagógico é o prejuízo à formação intelectual, ética e cidadã do educando.

Neste contexto, de acordo com estudos teóricos recentes, organizamos a presente proposta de textos e atividades com a finalidade de propor aos professores uma análise reflexiva das causas das mudanças que geraram tal dificuldade de convivência, bem como dos novos valores que devem nortear a função docente e, em seguida, buscar a definição de “novas” formas de intervenção para a melhoria da qualidade das relações estabelecidas em sala de aula.

## ORIENTAÇÕES GERAIS

A presente proposta de textos e atividades se constitui em um material pedagógico a ser trabalhado coletivamente com professores, no processo de formação continuada em serviço, durante a semana pedagógica, em grupos de estudo e reuniões, sob a coordenação da equipe pedagógica da escola.

A proposta apresenta textos e atividades para serem realizadas de maneira pausada, reflexiva e dialógica, não devendo se passar de uma para outra antes que todo processo de reflexão tenha se esgotado, não deixando nenhuma dúvida para o grupo. Por isso, não especificamos uma previsão de tempo e nem a quantidade de encontros necessários para a realização das mesmas. Isto irá depender das necessidades específicas de cada grupo.

O início de cada texto proposto contempla questões problematizadoras, as quais devem ser debatidas pelo grupo, com suas impressões devidamente anotadas por um coordenador eleito previamente pela equipe de professores, as quais devem ser retomadas e servir de base para uma análise comparativa ao término do estudo de cada tema.

É importante que os membros do grupo tenham um “diário de bordo”, onde serão descritas a caminhada do grupo, as reflexões, as experiências, a síntese das leituras, as conclusões e as propostas levantadas pelo grupo de trabalho. Assim, ao término de cada encontro é importante destinar um tempo para os professores fazerem o registro de suas impressões a respeito do assunto abordado.

De igual importância é a retomada das idéias principais do encontro ou atividade anterior, antes de se iniciar um novo encontro ou uma nova atividade.

Também, é relevante que ao término de cada texto e atividades com o mesmo tema, seja realizada uma síntese geral, uma sistematização das idéias principais, as quais poderão se constituir em material de apoio para as atividades seguintes e para o cotidiano dos professores.

## **SOCIEDADE E ESCOLA**

É comum em nosso meio falarmos que a sociedade mudou muito, que antes tudo era muito diferente, que hoje as relações sociais são mais difíceis. Assim, primeiramente é necessário fazermos uma análise da sociedade atual e da escola no contexto desta sociedade. Como está a nossa sociedade hoje? Como era esta sociedade em tempos atrás? O que mudou? Por que mudou? Como está situada a escola nesta sociedade?

### **Uma análise da sociedade atual e da escola no contexto desta sociedade**

A sociedade atual, com denominações controvertidas de “pós-modernidade” (Anderson, 1999) ou “modernidade líquida” (Bauman, 1998), vivencia um processo de grandes transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais, aceleradas pelo processo de globalização de nossa época.

Esta sociedade se caracteriza pela flexibilidade nas ocupações, tecnologias complexas e avançadas, produtividade elevada, consumismo, economia global, comunicação em tempo real, incertezas no campo científico e moral, inovações e mudanças aceleradas na cultura, nas formas de socialização, na política e no cotidiano, que acarretam dúvidas e insegurança na convivência social e ao mesmo tempo proporciona a busca de prazer pessoal pelos seres humanos.

Tais transformações vêm gerando um mal-estar psicológico e social, onde a partir da idéia ou vontade de liberdade, de felicidade, surge um mundo confuso, incerto e sem controle, o que segundo Bauman (1998, p. 10), esse mal-estar “provém de uma espécie de liberdade e de procura do prazer que tolera uma segurança pequena demais”.

Neste mundo de incertezas, a ética, os valores, as relações também são incertas e transitórias e, ao não se solidificarem, não oferecem referências de apoio, segurança, e orientação otimista para a vida em sociedade. Assim, os vínculos humanos são frágeis,

“líquidos”, ou seja, são pautados no momento, no agora e no espaço em que se vive.

No contexto atual, a sociedade, denominada por Bauman (2003, 2007) de “sociedade líquida”, e a vida, denominada “vida líquida”, se apresentam como um líquido por não conseguirem uma forma fixa e estática.

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sobre as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (Bauman, 2007, p.7).

Nesta sociedade, a vergonha caracterizada como o sentimento de ser objeto do olhar do outro e associada à moral, está colocada em plano secundário pelos indivíduos. O que está no auge é o individualismo, o narcisismo, o sucesso, a glória, a liberdade, não importa quais são os meios para consegui-los.

Neste processo, a consciência moral do indivíduo é restrita ao seu “eu” individual, onde os valores contrários ao seu prazer são recusados, são negados, não havendo o sentimento de vergonha, já que não há espaço para o julgamento social público (do outro), pois as ações de julgamento e sentido estão restritas ao espaço privado e individual.

Assim, ocorre uma inversão de valores, o que deve ser público (o julgamento social do outro), transformou-se em privado (o próprio sujeito julga suas ações) e o que deve ser privado (restrito ao próprio indivíduo), transformou-se em público com o narcisismo e o exibicionismo próprio de cada sujeito.

Lima (2004) aponta que “hoje, na sociedade pós-moderna, [...] operam mecanismos de promoção da visibilidade do que era privado, como se decretasse o fim da intimidade”.

Também Lima (Op.cit.) aponta que esta sociedade é movida pela ânsia de prazer a qualquer preço, onde para o superego pós-moderno tudo vale e tudo deve porque pode, em função de se curtir a vida adoidado, não importando os limites de si próprio e dos outros.

É nesta sociedade que a escola está inserida e recebe os reflexos dela, que afetam a cultura escolar nos aspectos relacionados à convivência, a abordagem do conhecimento, a organização da escola e a prática docente.

Nesta nova sociedade os alunos chegam à escola com experiências diferentes

daquelas advindas da sociedade tradicional. Estas experiências são frutos das novas relações familiares, das novas formas de comunicação e informação e das alterações de valores baseadas na permissividade e no relativismo moral.

Assim, o monopólio da escola enquanto um local de transmissão de conhecimentos já não existe mais, pois se tem acesso ao conhecimento em outros meios de informação e comunicação e os alunos têm consciência disso, sendo mais difíceis de serem motivados pelos professores, principalmente por estarem na escola não por vontade própria, mas por serem obrigados pela força da lei.

Esta nova sociedade exige alterações nas práticas escolares, notadamente na prática docente, na qual os professores não podem mais agir como transmissores de conhecimentos imutáveis, oriundos de uma “cultura eterna”.

De acordo com Tardif e Lessard (2005, p. 145) hoje, “... o professor é um mediador de conhecimentos entre outros. Os conhecimentos não se limitam mais aos conhecimentos escolares. As crianças estão mais informadas sobre toda espécie de assuntos”.

Com os alunos mais difíceis de serem motivados, os professores convivem com o desinteresse, a falta de concentração e problemas de relacionamentos que exigem esforço e energia que acarretam emoções negativas, que têm levado à crise de identidade profissional e ao mal-estar docente, caracterizado pela tensão nervosa, esgotamento, estresse, depressão e doenças de ordem física.

Esta problemática gerada pela nova ordem social impõe uma nova ordem na prática docente, a qual deve estar voltada tanto para a tarefa do professor para com seus alunos, como para o cuidado do bem-estar do educador.

Segundo Marchesi (2006) a tarefa que se espera hoje de um professor é muito mais ampla que transmitir conhecimentos, exigindo-se do professor as habilidades de dialogar com seus alunos, capacidade de estimular o interesse pela aprendizagem, a incorporação das tecnologias da informação, a orientação pessoal, o desenvolvimento afetivo e moral, a atenção à diversidade e o trabalho em equipe.

Esta nova ordem na prática docente também requer que as operações mentais do aluno sejam ativadas, que o seu pensamento lógico seja acionado na busca de transpor obstáculos, resolver situações-problemas e apropriar conhecimentos. Para tanto, existe a necessidade de planejamento contínuo das atividades de ensino e aprendizagem em sala de aula e a adoção de uma conduta dialógica e negociadora por parte dos professores

com seus alunos, investindo em vínculos concretos (deixando de lado o sonho do aluno ideal), tendo permeabilidade para mudanças e para invenções (reaprendendo o ofício de professor), adotando e tendo fidelidade a um contrato pedagógico, mesmo que suas cláusulas tenham que ser lembradas todos os dias.

Por outro lado, também é necessário cuidar do bem-estar dos professores, o que de acordo com Marchesi (2006, p. 134), no âmbito administrativo, três compromissos ajudariam a enfrentar com segurança os obstáculos e tensões vividas na atividade docente: o respaldo ao trabalho dos professores, a proteção especial às equipes de professores que têm maiores risco de conflitos e a definição de uma carreira profissional do docente.

## ATIVIDADES

1. Estudo e síntese das principais idéias do texto.
2. Análise comparativa: impressões iniciais dos professores levantadas na problematização x idéias principais do texto.
3. Debate:
  - ✓ Que fatores influenciam na crise da sociedade e escola atual?
  - ✓ Qual é o papel do professor na sociedade atual?
  - ✓ Como deve ser o comprometimento do profissional da escola hoje?
4. Diário de bordo: sistematização das principais idéias abordadas neste tema.

### Para saber mais

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.** Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 16/08/2007

KERBS, Raúl. **A ética no pós-modernismo.** Disponível em:

[http://dialogue.adventist.org/articles/14\\_2\\_kerbs\\_p.htm](http://dialogue.adventist.org/articles/14_2_kerbs_p.htm).> Acesso em: 15/08/2007.

LIMA, Raymundo de. **Para entender o pós-modernismo.** Disponível em:

[http://dialogue.adventist.org/articles/14\\_2\\_kerbs\\_p.htm](http://dialogue.adventist.org/articles/14_2_kerbs_p.htm).> Acesso em: 15/08/2007.



### **Sugestão de filme:**

“A Escola da Desordem”. O filme reproduz o cotidiano de uma escola americana, apontando problemas, conflitos, preocupações, “prioridades” e questões relacionadas ao analfabetismo funcional. Direção: Aaron Russo. EUA, 1984, 85 min.

### **Referências**

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

AQUINO, Julio Groppa. **Confronto na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Do Cotidiano Escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **O amor líquido: a fragilidade dos laços amorosos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Disponível em: <<http://.zahar.com.br/doc/t11.32.pdf>>. Acesso em: 07/06/2007.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, Ética e Educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

LA TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p.9-23.

LIMA, Raymundo de. **Para entender o pós-modernismo**. Disponível em: <[http://dialogue.adventist.org/articles/14\\_2\\_kerbs\\_p.htm](http://dialogue.adventist.org/articles/14_2_kerbs_p.htm)>. Acesso em: 15/08/2007.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

## **CULTURA E CULTURA ESCOLAR**

A sociedade líquido-moderna provoca transformações na cultura dos indivíduos. Mas, o que é cultura? O que é cultura escolar? Quais são as transformações culturais geradas por esta nova sociedade? Como a cultura social e a cultura escolar exercem influência na organização do trabalho pedagógico e na convivência em sala de aula?

### **A cultura e a cultura escolar no contexto da sociedade atual**

Somos seres humanos e vivemos em sociedade. Isso só é possível graças à cultura que nos humaniza e dá sentido aos nossos agrupamentos sociais.

Cultura, de acordo com Williams (1992) pode ser considerada em dois sentidos: [Primeiro], “no sentido antropológico/sociológico, define o modo de vida global e o sistema de significações de um determinado grupo; [segundo], no sentido mais especializado, inclui a produção intelectual e as práticas significativas”... (apud PESSANHA; DANIEL; MENEGAZZO, 2003, 62).

No segundo sentido, é possível afirmar que a sociedade atual está com um desenvolvimento intelectual, científico e tecnológico bastante avançado, gerando a globalização da economia e da informação, onde as novas tecnologias da informação e da comunicação, ao possibilitarem uma comunicação global, um entrelaçamento entre culturas em tempo real, provocam transformações sociais profundas, que afetam diretamente o sentido antropológico/sociológico da cultura ao modificar rapidamente e não solidificar o modo de vida e as significações dos grupos.

Assim, esta cultura, na ação dos sujeitos, transforma-se em uma “cultura líquida”, onde os padrões de comportamento, as crenças, os valores e os hábitos são efêmeros e não têm forma própria, fluindo conforme o instante em que se vive.

O entrelaçamento entre culturas faz com que os sujeitos da pós-modernidade tenham identidades híbridas que é fruto de inúmeras influências e mútuas interferências que impossibilitam a permanência do que é fixo e estático. De acordo com SILVA (s.d.) “o homem, neste início de século, busca uma forma de identificar-se na sociedade em que

vive. (...). Hoje, o homem é um ser com uma identidade híbrida e vive sob o signo da pós-modernidade”.

Esse problema surge pelo fato do ser humano ter uma identificação confusa, por não viver na sociedade como um ser pleno, passando por inúmeras variáveis durante sua vida.

Essa problemática da falta de identidade acontece, principalmente pelo fato do indivíduo não poder viver mais na sociedade como um ser pleno, como na concepção iluminista, unificado desde o seu nascimento a até sua morte, ou como um sujeito sociológico, possuidor de uma essência que o identificaria no mundo, mas que poderia ser modificada quando em contato com o mundo exterior. Atualmente ele vive um novo estágio de identificação, sendo um sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, nascido da diversidade de culturas do mundo globalizado, tendo sua identidade construída e reconstruída permanentemente ao longo de sua existência (SILVA, s.d.).

Este ser humano híbrido, produz uma cultura também híbrida, dissolvendo referências culturais ou sociais próprias, surgindo continuamente novas necessidades e novos valores, os quais são individualistas, efêmeros, não têm forma e se diluem rapidamente gerando problemas de convivência social.

É neste contexto que a escola está inserida, recebe a influência tanto da cultura especializada em sua produção intelectual e científica, quanto da cultura antropológica/sociológica com modos de vida e significações modificados pelo hibridismo humano/cultural e todas as suas conseqüências e, a partir daí, compõe a sua cultura própria denominada de cultura escolar.

A cultura escolar envolve os conhecimentos a serem ensinados, as normas e os valores a serem inculcados, bem como as formas de organização do trabalho escolar, para que tais conhecimentos, normas e valores possam ser absorvidos pelos educandos. Segundo Julia (s.d.), a cultura escolar é assim definida:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas... (apud FARIA FILHO et al., 2004).

Neste sentido, a cultura escolar abrange a escola como um todo, ou seja, o currículo, as práticas, os saberes, o espaço e o tempo escolar, o relacionamento humano intra escolar, as linguagens, os protagonistas da ação escolar, os objetivos educacionais, os conflitos, entre outros.

Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo) (TAVARES SILVA, 2006, p. 202).

Marchesi (2006, p. 124) aponta quatro dimensões da cultura escolar: “os objetivos (amplos ou reduzidos), o dinamismo (ativo ou passivo), as relações interpessoais (colaboração ou individualismo) e a identificação com a instituição (pertença ou desvinculação)”.

Assim, podemos afirmar que a cultura escolar modela o trabalho da escola determinando ações, comportamentos, relações, conhecimentos, metodologias atuando de maneira dinâmica e inovadora ou de forma estagnada, passiva e tradicional.

O dinamismo da cultura escolar aponta para as atividades de inovação, atualização e adaptação às novas exigências sociais, para o trabalho colaborativo, para a valorização da escola e para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento à instituição escolar.

A passividade da cultura escolar aponta para o trabalho pautado na tradição e no individualismo, sem vínculos afetivos de pertencimento à instituição escolar tanto para professores, quanto para alunos (é indiferente estar nesta ou naquela instituição escolar).

A cultura escolar pautada na passividade, na estagnação, na tradição, nos costumes, nas rotinas, - com prática freqüente nas escolas - tem entrado em choque com a cultura da sociedade atual, ao causar rupturas com o cotidiano do aluno e não considerar o contexto sociocultural em que ele vive.

Estes choques entre a cultura escolar e a cultura social atual têm gerado mal-estar na sala de aula, nos professores e nos alunos, o qual provoca problemas de convivência e afeta a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem.

Os principais problemas entre a cultura escolar tradicional e a cultura pós-moderna estão relacionados às normas de convivência, às metodologias e à organização do espaço e do tempo escolar.

Nesta cultura, as normas são impostas, sem negociação e sem o processo de legitimação pelo aluno. As metodologias são centralizadas na exposição verbal do professor, sem direito ao diálogo e construção do conhecimento pelo aluno. O espaço da sala de aula é organizado com as carteiras em fileiras, determinando o território de cada aluno, os limites de seus deslocamentos e por conseqüência de sua liberdade. O tempo da sala de aula é um tempo imposto, delimitado, sem considerar o ritmo próprio de cada

aluno, onde os atrasos, os descuidos, podem significar o fracasso do educando.

Assim, considerando que a cultura escolar modela o trabalho da escola e que a pós-modernidade exige dinamismo e inovação, percebemos que o melhor caminho é o de uma cultura escolar também pautada no dinamismo e na inovação, que tenha em seus princípios o respeito à diversidade dos alunos, a busca de alternativas para mudanças na organização espaço-temporal da sala de aula, nas metodologias e na construção das regras de convivência.

## ATIVIDADES

1. Leitura, análise e síntese do texto.
2. Filme: “Sociedade dos Poetas Mortos” - assistir ao filme com o olhar voltado para os impasses na cultura da escola: tradicional x renovada. O filme aborda o conflito entre tradição e inovação. Em uma escola americana, com princípios tradicionais, chega um professor com princípios inovadores, abalando a cultura conservadora da escola. Direção: Peter Wier. EUA, 1989, 147 min.
3. Apresentação das percepções do grupo de professores realizando-se a comparação filme x idéias principais do texto sobre o filme.
4. Análise comparativa: texto Cultura e Cultura Escolar x filme x primeiras impressões dos professores.
5. Organização das idéias principais do tema no diário de bordo.

### Para saber mais

MACHADO, João L. Almeida. **Sociedade dos poetas Mortos**: ele fez de suas vidas algo

extraordinário. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=91>. Acesso em: 17/08/2007.

SALCIDES, Arlete M. Feijó; FABRIS, Elí T. Henn. **Representações de espaço e tempo no filme Sociedade dos Poetas Mortos.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/Congresso1999/11gt/Arlete%20M.rtf>. Acesso em: 27/08/2007.

TURA, M. L. **A cultura escolar e a construção de identidades.** Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/debate2.htm>. Acesso em: 10/05/2007.

## Referências

FARIA FILHO, L. Mendes de et al. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a8v30n1.pdf> Acesso em: 01/06/2007.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

PESSANHA, E. C.; DANIEL, M. E.; MENEGAZZO, M. A. **Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar:** uma trajetória de pesquisa. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe27/anped-n27-art04.pdf>. Acesso em: maio de 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Sérgio S. da. **Identidades Culturais na Pós-modernidade:** um estudo da cultura de massa através do grupo Casaca. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sergio-salustiano-identidades-culturais.html> Acesso em: 07/06/2007.

SOCIEDADE dos Poetas Mortos. Direção: Peter Weir Elenco: Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke e Josh Carles. Estados Unidos, 1989. Drama, 128 min.

TAVARES SILVA, Fabiany de C. **Cultura Escolar:** quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Disponível em <http://calvados.c3sl.ufpr.br>. Acesso em: 28 de abril de 2007

TURA, M. L. **A cultura escolar e a construção de identidades.** Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/debate2.htm>. Acesso em: 10/05/2007.

## **CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA: problemática dos conflitos**

Um dos principais impasses do cotidiano escolar na atualidade está na convivência em sala de aula. São comuns as reclamações de que está muito difícil trabalhar em sala de aula em virtude dos conflitos, do desinteresse, da apatia, do desrespeito, entre outros problemas. Como é essa problemática dos conflitos? Como é vista a realidade da sala de aula pelos professores? Quais os principais problemas enfrentados no cotidiano da sala de aula? E os alunos, qual é a visão que têm sobre a escola, a convivência e o trabalho pedagógico em sala de aula?

### **A problemática dos conflitos**

Nos últimos tempos, a cultura escolar vem sofrendo os reflexos da sociedade, da cultura e da vida líquido-moderna, gerando um mal-estar na convivência escolar, notadamente no espaço da sala de aula, no horizonte da relação professor-aluno.

Os avanços tecnológicos e as transformações na cultura pós-moderna alteram de forma descontrolada a ação educativa e modificam as atitudes, os valores, o interesse, os estilos de atenção e de aprendizagem e principalmente o comportamento dos educandos, gerando tensões e conflitos na interação professor-aluno e por consequência, prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem.

Os conflitos se agravam porque em função da convivência social em uma sociedade líquido-moderna, a escola passa por uma crise de sentido existindo uma falta de significação do que é estudar por parte do aluno, originando o desinteresse e os problemas de relacionamentos.

Para muitos professores, a falta de interesse dos alunos em aprender é a principal dificuldade que encontram em seu trabalho diário. Pouco podem fazer, afirmam, com aqueles alunos que “não estão nem aí” para as atividades escolares e ficam olhando pela janela, esperando que chegue a hora de sair ou, pior ainda, incomodando de forma permanente seus colegas e o professor. O problema, além disso, é que a falta de motivação dos alunos costuma levar a atrasos na aprendizagem e a problemas de conduta na aula (MARCHESI, 2006, p. 59).

Atualmente, os comportamentos inadequados, perturbadores, tomam a maior parte

da atividade do professor em sala de aula, prejudicando a sua ação principal que é o trabalho com o conhecimento. O centro da atividade o professor é desviado constantemente para a intervenção em ações periféricas dos alunos, tendo continuamente de chamar a atenção, pedir silêncio, intervir em desentendimentos e/ou brincadeiras entre os alunos, solicitar insistentemente que realizem as tarefas propostas, ocorrendo a desorganização do trabalho pedagógico coletivo, que por conseqüência, afeta a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Os desentendimentos entre os alunos, a necessidade e demanda de atenção por parte do aluno, a interrupção da aula com comentários e pedidos alheios a atividade que está sendo desenvolvida, a provocação persistente, estão entre as atitudes inadequadas, perturbadoras/interruptoras mais freqüentes, que geram confrontos com os professores e causam obstrução da atividade pedagógica.

Os problemas de relacionamento, em especial as condutas disruptivas, dificultam o clima de convivência na sala de aula causando danos à qualidade da aprendizagem e provocando um mal-estar docente, que em alguns casos, se agravam para doenças psíquicas e/ou físicas.

Os comportamentos anti-sociais ou violentos de determinados alunos tornam muito difícil manter um clima de convivência na escola e nas aulas que facilite a aprendizagem dos alunos. Não há dúvida de que essas tensões, especialmente se ocorrerem na sala, são as que provocam maior mal-estar nos professores. (...) os alunos que têm um comportamento disruptivo não só não aprendem como não deixam os demais aprenderem e tornam a hora de aula uma luta contínua que põe à prova a preparação e o equilíbrio pessoal do professor (MARCHESI, 2006, p. 79).

Considera-se como conduta disruptiva aquela conduta que atrapalha o desenvolvimento da aula, a ordem, a disciplina, o bem-estar e o direito de todos a aprendizagem com provocações, interrupções, barulhos, brigas, enfim, quebra de regras com atitudes desafiadoras.

Marchesi (2006, p. 82), aponta alguns tipos de condutas disruptivas como: brigar, chamar atenção, negar-se a trabalhar, desobedecer, provocação persistente, maus-tratos, insolência muda (não responder verbalmente, mas negar-se em cooperar com o trabalho escolar ou usar atitudes desafiadoras através de gestos ou expressões faciais).

E então, o que fazer diante desta problemática em sala de aula? Em um primeiro momento é preciso analisar as possíveis causas de tal problemática, para depois ir em busca de algumas estratégias, na tentativa de amenizá-las, porque solucioná-las não é tarefa fácil e nem imediata.



## ATIVIDADES

1. Análise da realidade em sala de aula, através da apresentação, pelos professores, do estudo do texto e comparação com o cotidiano dos educadores no espaço da sala de aula.
2. Conhecendo a visão dos alunos sobre a escola: planejamento de uma produção textual ou entrevista ou questionário para ser aplicado aos alunos com o objetivo de investigar a visão deles sobre a escola e a sala de aula com relação aos conteúdos, métodos, avaliações e convivência aluno-aluno e aluno-professores, podendo-se também, solicitar sugestões sobre o que pode ser feito para a melhoria do trabalho em sala de aula. Deverá ser organizado um cronograma entre os professores para a aplicação desta atividade junto aos alunos, durante suas aulas. Após a aplicação cada professor deverá fazer uma síntese das impressões dos alunos, para ser discutida no próximo encontro.
3. Análise conjunta dos resultados da produção textual ou entrevista/questionários com os alunos. Aqui, o objetivo não é “pixar” o aluno, mas tomar consciência de suas necessidades e buscar soluções para as mesmas.
4. Diário de bordo: apontamento dos principais problemas de convivência, necessidades dos professores e dos alunos e encaminhamentos possíveis.

### Para saber mais

CRUZ, Mariana. **O que os estudantes pensam das escolas.** Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/educ126.htm>

Acesso em: 19/08/2007

**DIDONÊ, Débora. Como Jovens Latinos e Europeus Vêm a Escola.** Disponível em: [http://revistaescola.abril.com.br/online/reportagem/repsemanal\\_204579.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/online/reportagem/repsemanal_204579.shtml) Acesso em 16/08/2007.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Os Desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola.** Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pgf/ideias\\_28\\_p227-252\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pgf/ideias_28_p227-252_c.pdf). Acesso em: 16/08/2007.

### Sugestão de filme

“Pro dia nascer feliz”. Documentário sobre a realidade da educação no Brasil, com depoimentos de jovens do ensino médio e de professores de três regiões diferentes do Brasil. Direção: João Jardim. Brasil, 2006, 88 min.

## **Referências**

ANTÚNEZ, Serafim et. al. **Disciplina e Convivência na Instituição Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 2002.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

## **CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA: possíveis causas**

A problemática dos conflitos em sala de aula é real e preocupante. Quais são suas causas dos problemas de convivência em sala de aula?

### **Algumas possíveis causas**

A demanda gerada pela escolarização obrigatória trouxe para escola alunos com características culturais variadas/diferenciadas, classes sociais e valores também diferenciados. Aliados a esses fatores, somam-se os desequilíbrios sociais, o enfraquecimento das relações familiares, a crise de valores, o individualismo, o conflito de gerações que tem sua origem na sociedade pós-moderna.

Ao conviver com modelos de condutas disruptivas na rua, na família, na mídia, o indivíduo tende a reproduzi-las na escola, principalmente se encontrar condições para a sua reprodução.

A escola de hoje é diferente da escola do passado. A escola do passado era segregacionista e, portanto, para poucos, para as camadas mais privilegiadas e o seu funcionamento era organizado com base nos valores militares (filas, uniformes, hinos, hierarquização, relação de medo e coação).

A escola de hoje, é fruto do processo de democratização da política e da sociedade, que gerou a democratização da educação escolar, com a obrigatoriedade de escolarização para todos. O nosso aluno atual também é fruto de outras relações, agora mais democráticas.

No passado, o respeito dos alunos era inspirado nos modelos militares de submissão e plena obediência às ordens superiores. Hoje, o respeito deve fundar-se nas noções de assimetria entre os lugares docentes e discentes advinda da autoridade docente e não do autoritarismo. O problema surge quando o professor preserva os ideais

pedagógicos do passado, principalmente os disciplinares, querendo fazê-los valer na sociedade democrática de hoje, utilizando-se de atos de punição, represália, submissão, medo e constrangimentos.

Em tempos atrás, o professor era tido como o detentor e praticamente único transmissor do saber na escola, advindo daí a sua inquestionável autoridade docente. O professor era visto como um ser de sabedoria, com vocação e amor para ensinar. Tinha a sua função bem definida: transmitir conhecimentos e valores morais. O aluno também tinha sua função bem definida: ser o receptor passivo dos conhecimentos transmitidos pelo professor.

A força desta delegação social fazia com que as funções do professor fossem nitidamente bem definidas e desenhassem por oposição, aquelas que o aluno era chamado a desempenhar. Se o professor era essencialmente o transmissor do saber e o guardião dos valores tradicionais, o aluno deveria ser o receptor humilde e obediente, dado o seu estatuto de inferioridade etária e cultural (ESTRELA, 2002, p. 38).

Atualmente, com o desenvolvimento tecnológico, o professor não é mais o único detentor e transmissor do saber. Os alunos têm acesso aos diversos meios de informação e comunicação existentes na sociedade, adquirindo grande parte de seus conhecimentos fora da escola. Este novo contexto exige uma nova postura do professor e da escola. Esta deve transformar-se em um lugar de análise e reflexão sobre o saber trazido pelos alunos e o professor deve ser o organizador e o mediador desse processo, estimulando o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de seus alunos.

Trata-se, portanto, de um novo perfil de professor, dinâmico e interventor, que em nada se compadece com o perfil do professor rotineiro e acomodado a uma função de transmissão do saber cuja utilidade ele põe muitas vezes em causa (ESTRELA, 2002, p. 39).

Devemos considerar que este é um processo longo e necessário que exige quebra dos valores tradicionais, mudança de posturas e formação de novos valores que só serão absorvidos mediante um bom trabalho de formação continuada.

Estrela (2002) aponta que a organização do espaço, do tempo, da turma e das formas de comunicação em sala de aula, podem se constituir em causas de conflitos no espaço da sala de aula.

É no espaço pequeno da sala de aula que os alunos são confinados, tendo as carteiras delimitando o território de cada um e determinando os limites de seus

deslocamentos. Esses fatores pressupõem aprendizagens de atitudes e limites de liberdade, o que é uma aprendizagem difícil para os alunos, acostumados a se locomoverem com liberdade de um lugar para outro em seu espaço social.

O tempo é outro fator conflituoso. Estamos aqui tratando do tempo definido pela instituição para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, em uma determinada disciplina, num dia de trabalho. Esse tempo é regulado e finalizado pela campainha, que põe fim a aula, que pode ser considerada curta quando bem desenvolvida, despertando o interesse e a atenção dos alunos, ou longa demais quando não atende as condições necessárias para o seu desenvolvimento. Não há, portanto, liberdade para a gestão do tempo no ato educativo, nem para o professor e nem para o aluno que tem que adaptar-se ao tempo da aula, sem considerar o seu ritmo próprio e a natureza da atividade realizada.

As atividades propostas também podem se transformar em elemento de conflito. Estas determinam a dinâmica das relações em sala de aula e o seu grau de dificuldade e sua organização proporcionam ordem ou desordem no espaço em que as mesmas são realizadas.

A turma pode ser mais um fator de conflito. Ela não é constituída voluntariamente, com acolhimento mútuo entre os alunos e nela, os professores são os líderes formais que impõem as atividades, os momentos e as formas de sua realização. Dentro desta turma surgem grupos informais por afinidades, partilha de papéis, rede de comunicação, coesão, luta por liderança e normas próprias.

Se o trabalho desenvolvido na sala não for interessante e motivador, pode haver dispersão, apatia e solidificação dos grupos informais, gerando regras informais (contrárias as do professor, des-ordem), problemas relacionais, indisciplina e obstrução do processo de ensino e aprendizagem.

É o poder legítimo do professor, expresso pelo conhecimento científico e ético, que dá a base de sustentação da comunicação, da disciplina e desenvolvimento do ato pedagógico.

As formas de comunicação estabelecem as relações pedagógicas. Quando são rígidas e diretas, afetam o trabalho e causam conflitos.

As expectativas tanto do professor, como dos alunos também podem causar conflitos. As expectativas não correspondidas ou negativas que se tem da turma, dos alunos e dos professores direcionam as relações estabelecidas em sala de aula e causam

problemas de convivência.

Os problemas de convivência também podem ser gerados tanto por atitudes autoritárias do professor (professor linha dura), quanto por atitudes permissivas (professor permissivo) que acabam dominando os interesses individuais dos alunos.

Tradicionalmente, tem-se utilizados métodos de opressão contra os problemas de convivência, utilizando-se da coação. Este método só funciona com os que temem o autoritarismo, a repressão, a punição e estão em fase sólida de heteronomia (regras determinadas por outros, com base no respeito unilateral). Em outros que não têm sentimento de medo ou afeto, estes métodos não funcionam, pelo contrário, quanto mais o professor fala ou grita, mais desobedecem e satisfazem-se internamente.

Também se tem utilizado os métodos da “liberdade”, que geram problemas ao deixarem os alunos livres para decidirem o que fazer, reforçando ou regredindo à fase da anomia (ausência de regras).

Por outro lado, Marchesi (2006) afirma que as características próprias do desenvolvimento do adolescente, assim como os problemas emocionais e de conduta peculiares de alguns alunos causam conflitos em sala de aula.

Assim, é possível afirmar que a busca da autonomia e construção da própria identidade pelo aluno adolescente gera conflitos, pois o mesmo apresenta o gosto pelo risco, pela oposição ao que é estabelecido como forma de auto-afirmação perante os outros.

Marchesi (Op.cit.) aponta que as dificuldades emocionais dos alunos alteram suas relações sociais e afetam a convivências entre os colegas, os professores e dificultam a sua aprendizagem. A falta de afeto, o isolamento social, o sentimento de marginalização e de incapacidade pessoal, a baixa auto-estima, falta de compreensão e controle da própria conduta, estão entre as dificuldades emocionais que causam problemas de convivência escolar.

Os alunos com dificuldades emocionais sentem falta de uma avaliação social positiva sobre si mesmo, se sentem desprestigiados, têm necessidade de chamar a atenção, de sentir que são “vistos” pelos outros. Tais alunos normalmente apresentam dificuldades em compreender as conseqüências de suas atitudes e em controlar a sua conduta. Às vezes, transgridem as normas, criam problemas, causam danos sem ter consciência do que estão fazendo. Porém, outras vezes, transgridem as regras propositadamente, para obstruir o trabalho pedagógico.

Neste contexto, percebemos que as causas para os problemas de convivência em sala de aula estão relacionadas a diversos fatores, os quais podem ser de ordem tanto intrínsecas ao próprio educando, como de ordem social, de organização da sala de aula, do trabalho pedagógico e do estilo do professor agir com o seu objeto e a sua ferramenta de trabalho – o aluno e o conhecimento respectivamente.

## ATIVIDADES

1. Leitura, síntese e discussão do texto.
2. Análise comparativas: primeiras impressões dos professores x idéias principais do texto.
3. Filme: “O Preço do desafio”. O filme aborda os problemas de indisciplina e os desafios enfrentados por professor e alunos na convivência e no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Direção: Ramon Menedez. EUA, 1988, 95 min. Assistir ao filme com o olhar voltado para as relações em sala de aula e para o estilo do professor.
4. Apresentação das percepções dos professores em relação ao filme, desenvolvendo-se um processo de reflexão sobre as causas dos problemas de convivência em sala de aula, bem como sobre o que pode ser feito para amenizá-las.
5. Sistematização dos pontos principais no diário de bordo, com apontamento das causas e encaminhamentos possíveis para a melhoria da qualidade das relações em sala de aula.

### Para saber mais

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 16/08/2007

MACHADO, João L. Almeida **O preço do desafio: a matemática contra as discriminações**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?>

[artigo=342>](#). Acesso em: 17/08/2007

## Referências

ANTÚNEZ, Serafim et. al. **Disciplina e Convivência na Instituição Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. **Do Cotidiano Escolar**: ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 2002.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Moralidade e indisciplina**: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In AQUINO, Julio Groppa Org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p.103-115.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

PREÇO, do desafio, O. Direção: Ramon Menendez. Roteiro: Ramon Menendez e Tom Musca. Elenco: Edward James Olmos, Lou Diamond Philips, Andy Garcia, estelle Harnis, Virginia Paris, Nark Eliot, Will Gotay, Patrick Baça. Estados Unidos, 1988. Drama, 102 min.

## **CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA: estratégias possíveis**

Os problemas de convivência em sala de aula são reais e suas causas oriundas de fatores tanto de ordem intrínseca ao educando, como social, organizacional e pedagógica. O que pode ser feito para melhorar a qualidade dessa convivência em sala de aula?



## **Algumas estratégias possíveis**

A primeira estratégia para uma boa convivência em sala de aula é a prevenção do uso de condutas disruptivas neste espaço educativo, pois é aí que se estabelecem os laços mais diretos, mais fortes entre os alunos e os professores, devendo haver um bom clima relacional, com atenção aos pequenos desvios e ao desenvolvimento da responsabilidade e autonomia dos alunos.

De acordo com Estrela (2002) é na prevenção que os professores melhor manifestam as suas capacidades de criação, manutenção da disciplina e, nela, revelam sua competência de organização da aula, bem como de coerência e consistência normativa.

Assim, é muito importante a existência de um sistema normativo-disciplinar consistente nos primeiros dias de aula. De igual importância, são as atitudes que acompanham o estabelecimento das regras, os quais transmitem graus de afetividade que fazem surgir reações de aceitação, submissão ou rejeição que irão caracterizar o clima de cada aula.

A solidez das regras, com seu cumprimento adequado também se estabelece nos primeiros dias de aula. Nesta fase, o professor se expõe, se desvela perante os alunos, que o testam com cuidado, para ver até onde podem ir perante o professor.

Neste sentido, Aquino (2000) aponta a necessidade do contrato pedagógico como balizador da convivência em sala de aula, o qual deve ser flexível, não devendo ser tomado como algo pronto e acabado, mas em constante construção e/ou reconstrução.

Para tanto, devem ser tomados alguns cuidados tais como: considerar que os alunos são parceiros e não rivais, onde os papéis dos envolvidos necessitam ser bem explicitados; não se adotar um contrato homogêneo para todas as disciplinas, pois as especificidades de cada área devem ser consideradas e preservadas; em tal contrato, deve ser discutido o trabalho com cada disciplina como um todo (conteúdos, atividades, metodologias, critérios de avaliação, convívio em sala de aula e posicionamentos em relação às condutas inadequadas).

Aquino (Op.cit.) afirma que a relação dos alunos com as cláusulas do contrato pode ser descritas de acordo com três fases progressivas: a anomia, a heteronomia e a autonomia.

Em um primeiro momento existe a anomia que se caracteriza pela ausência de consciência das regras. Os alunos entram no jogo, mas não têm clareza quanto ao que deve ou não ser feito.

A fase da heteronomia ocorre com a implantação das rotinas do trabalho acordado (contratado), com a iniciativa do professor. Todo suporte inicial cabe ao professor, não podendo se esperar, nesse momento, iniciativa/responsabilidade por parte dos alunos. Eles cumprirão o contrato se o professor mantiver a sua palavra e chamá-los a atenção para o seu cumprimento. Nesta fase, o professor é a fonte externa de controle (o que é uma característica da heteronomia).

Na última fase, a da autonomia, os alunos sabem o que deve ou não ser feito e o fazem por vontade própria. Eles já se apropriaram das regras do jogo, tornando-as parte do seu repertório pessoal.

Esse é o momento em que, segundo Aquino (Op.cit) a disciplina escolar deixa de ser associada a obediência e subserviência (servilismo, humilhação) e passa a ser sinônimo de tenacidade e perseverança.

Não se pode afirmar que não haja problemas na caminhada do contrato pedagógico. Os acordos têm que ser lembrados insistentemente pelo professor e, ainda assim, ocorrem as transgressões das regras. Tais transgressões, às vezes, podem ocorrer por falta de compreensão dessas regras ou por sua rigurosidade. Então, este é o momento de se retomar o contrato, discuti-lo e modificá-lo. Outras vezes, o contrato é transgredido de forma proposital por alguns alunos, sendo este é o momento do grupo analisar e resolver a situação, de acordo com os posicionamentos decididos no contrato pedagógico.

É muito importante que neste processo ocorra a auto-avaliação, realizada oralmente com o grupo, analisando-se o respeito às regras, com o objetivo de tornar claro a importância das mesmas para a organização da convivência em sala de aula e para o bom funcionamento do processo de ensino e aprendizagem.

Ressaltamos que as regras só serão aceitas e respeitadas se legitimadas pelo grupo, através da negociação coletiva, onde todos se sintam co-responsáveis pelo código de condutas estabelecido.

Ressaltamos ainda, que o quadro de regras deve se restringir somente à ferramenta de ação do professor que é o conhecimento, não envolvendo regras de cunho moral, ou seja, que objetivem “lição de moral” aos alunos.

Marchesi (2006) aponta algumas estratégias para a melhoria da convivência em sala de aula. Entre elas estão o diálogo, o desenvolvimento emocional dos alunos, a tutoria e o trabalho em equipe dos professores.

O uso contínuo do diálogo do professor com seus alunos é uma importante estratégia. É através dele que o professor faz a conciliação dos objetivos da escola com as vontades dos alunos, transmite confiança aos alunos, encoraja-os, discute com eles os problemas surgidos em sala de aula e mantém a sua autoridade.

O desenvolvimento emocional dos alunos também deve se caracterizar em estratégia para a melhoria da convivência em sala de aula. Segundo Marchesi (Op.cit.), o cuidado com o desenvolvimento emocional dos alunos requer a existência de lugares, tempos e atividades em que os mesmos possam se expressar com naturalidade. Assim, às vezes é necessário dedicar alguns minutos da aula para que os alunos expressem seus sentimentos, medos ou a presença de conflitos na ambiente pedagógico. Também é necessário propor atividades que canalizem as emoções dos alunos, tais como o teatro e as expressões artísticas.

A integração de alunos com dificuldades emocionais e/ou comportamentos disruptivos em atividades grupais, de recreação, de jogos ou de tutoria (apadrinhamento), se constitui em outra estratégia para a melhoria dos relacionamentos em sala de aula. No caso da tutoria, deve-se tomar o cuidado de formá-la entre alunos com características emocionais e/ou comportamentais diferentes. O próprio aluno com dificuldade emocional também pode atuar como tutor, dentro do âmbito de sua competência positiva, o que poderá favorecer a melhoria de suas atitudes.

Também é importante ocorrer a reflexão coletiva entre os professores para a percepção da visão de cada um sobre a turma, os problemas emocionais, as condutas disruptivas, a maneira da abordagem de cada um, bem como para a busca de soluções, possibilitando assim, a coerência na ação educativa do grupo.

De igual importância é o planejamento contínuo das aulas, com propostas metodológicas dinâmicas e problematizadoras, que ativem o pensamento e o raciocínio lógico do aluno, que dêem sentido ao seu trabalho pedagógico no processo de reconstrução do conhecimento.

Da mesma forma, deve ser dada atenção para a organização do espaço da sala de aula e para as atividades propostas.

A forma como o espaço da sala de aula está organizado estabelece os limites da

relação pedagógica, facilitando ou inibindo a interação entre os professores e os alunos. Por isso, deve ser organizado de modo a facilitar uma relação horizontal entre os envolvidos no processo educativo. As carteiras organizadas em grupo ou em círculo, são formas organizacionais que produzem bons resultados para o processo interativo em sala de aula.

As atividades propostas determinam a dinâmica das relações em sala de aula. Assim, devem ser bem planejadas, a partir de objetivos bem definidos, estabelecendo papéis aos alunos e ao professor, prevendo instruções quanto a realização do trabalho proposto, bem como quanto às responsabilidades de cada um no desenvolvimento das mesmas.

Estas são algumas estratégias que, se colocadas em prática adequadamente, podem se constituir em mecanismos de melhoria da qualidade das relações estabelecidas em sala de aula e, conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem.

## ATIVIDADES

1. Leitura e síntese do texto.
2. Filme “O Clube do Imperador”. Assistir ao filme com o olhar voltado para a missão de ser professor. O filme retrata a história de um professor apaixonado por sua profissão, que tem por objetivo o desafio de transformar rapazes em homens de sucesso, mas com princípios morais. Direção: Michael Hoffman. EUA, 2002, 109 min.
3. Apresentação e debate sobre as percepções dos professores em relação ao filme.
4. Síntese conclusiva, no diário de bordo, apontando as principais estratégias para a melhoria da convivência em sala de aula.

### Para saber mais

LOPES, Áurea. **Disciplina:** é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. Disponível em: [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0183/aberto/mt\\_73653.shtm](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0183/aberto/mt_73653.shtm). Acesso em: 16/08/2007.

MACHADO, João L. Almeida. **O clube do imperador:** em busca da formação plena Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=226>.

Acesso em 27/08/2007.

ROVANI, Andressa. **Sala de Aula: compromisso que garante sucesso**. Disponível em: [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0172/aberto/mt\\_85861.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0172/aberto/mt_85861.shtml) Acesso em: 16/08/2007.

## Referências

ANTÚNEZ, Serafim et. al. **Disciplina e Convivência na Instituição Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. **Do Cotidiano Escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 2002.

CLUBE do Imperador, O. Direção: Michael Hoffman. Elenco: Kevin Kline, Emily Hirsch, Embeth Davidtz, Rob Morrow, Edward Hermann, Hamis Yulin, Paul Dano, Rishi Mehta, Jessé Eisenberg, Gabriel Milman. UEA, 2002, drma, 109min.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

## ATIVIDADE CONCLUSIVA

- **Sistematizando:** retomar o processo realizado com todos os temas e atividades propostas e fazer uma síntese geral de todo o trabalho realizado. Nesta etapa, o diário de bordo se constituirá em um elemento de apoio muito importante.
- **Planejando:** a partir das atividades realizadas na presente proposta, o grupo de professores deverá planejar estratégias de ação para a melhoria da convivência em sala de aula.